

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO

UNIFAI

YAGO BARBOSA FERREIRA

**MORAL FILOSÓFICA A PARTIR DA
ANTROPOLOGIA DE BLAISE PASCAL**

SÃO PAULO

2018

YAGO BARBOSA FERREIRA

**MORAL FILOSÓFICA A PARTIR DA
ANTROPOLOGIA DE BLAISE PASCAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Filosofia como
requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciatura em Filosofia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Newton Gomes
Pereira

SÃO PAULO

2018

YAGO BARBOSA FERREIRA

**MORAL FILOSÓFICA A PARTIR DA
ANTROPOLOGIA DE BLAISE PASCAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Filosofia como
requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em _____ de 20_____.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Newton Gomes Pereira

A Deus, a minha família, aos meus irmãos seminaristas, ao povo de Deus e à Arquidiocese de São Paulo pelo apoio e incentivo durante a elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

“Magnificat anima mea Dominum” (Lc 1, 46)

A minha alma engrandece ao Senhor Jesus Cristo, rosto da misericórdia do Pai, Rei do Universo e *Logos* do Pai, que me enviou seu Santo Espírito para me auxiliar a compreender a filosofia, *“Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito”* (Jo 1,3).

À minha família que sempre me apoiou neste caminho rumo ao sacerdócio, me motivando com seu incentivo e me fortalecendo com o auxílio de suas preces. De maneira particular à minha mãe Ana Paula e minha avó Rosa, que continuamente me apoiaram, espiritual e materialmente, e sempre ao meu lado não deixaram meus pés vacilarem nesta caminhada; e a meu padrinho Alexandre Paulino Garcia, que me inspirou a realizar este trabalho, minha eterna gratidão.

À Arquidiocese de São Paulo, que me acolhendo no Seminário Maior Imaculada Conceição, têm me incentivado no meu itinerário vocacional e nos estudos; agradeço toda confiança e apoio. Agradeço de maneira particular, o reitor do Seminário Maior de Filosofia Santo Cura d’Ars, reverendíssimo padre Frank Antônio de Almeida que continuamente têm me estimulado a jamais desanimar.

À ilustre Prof^a Deise Lopes de Lucca, que inúmeras vezes se colocou ao meu lado, partilhando conquistas e preocupações, durante a elaboração deste trabalho, e que me presenteou com os mais preciosos conselhos e com inigualável amizade.

Ao estimado Prof. Dr. Newton Gomes Pereira pela dedicada orientação, por compartilhar sua sabedoria e, principalmente, por acreditar em mim e no presente trabalho.

*“Há mais coisas entre o Céu e a Terra, do que
supõe nossa vã filosofia” (Hamlet)*

RESUMO

O homem, no decorrer da história, apresentou tanto generosidade e bondade quanto egoísmo e maldade. Essa contradição foi um dos principais focos do pensamento do pensador francês do século XVII Blaise Pascal. Para o filósofo, o homem carrega em si grandeza e miséria. Pascal traz uma reflexão aprofundada e apaixonada a respeito de quem é o homem. Assim, esta minha pesquisa mostrar e comentar como a concepção moral de Pascal é embasada na sua visão da condição humana neste mundo terreno. Assim, temos a seguinte questão: qual a moral concebida pelo autor a partir de sua antropologia filosófica? Pascal afirma que evidenciar a natureza do homem é entendê-la como uma realidade aberta que não pode ser reduzida às definições cartesianas. Para Pascal, é por meio da fé cristã que o indivíduo deve lidar com suas contradições, sem que procure extirpá-las, uma vez que elas também são uma via de crescimento. A investigação que Pascal faz sobre o sentido da existência humana não pode ser vista apenas como uma empreitada especulativa. É certo que os textos de Pascal contribuíram para a expansão do conhecimento em diversas áreas, contudo, a filosofia e a teologia receberam seu maior empenho. A obra *Pensamentos* será a principal referência desta pesquisa. A relevância do estudo da moral e da antropologia pascaliana para os dias atuais deriva do fato de que o homem moderno ainda é presa da condição de miséria que lhe é inerente.

PALAVRAS-CHAVE: Miséria. Graça. Concupiscência. Fé. Moral.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 O HOMEM MORAL PASCALIANO	11
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PENSAMENTO DE PASCAL	13
3.1 A influência de descartes no pensamento da época.....	13
3.2 O momento histórico em razão da fé	14
4 A CONCEPÇÃO AGOSTINIANA DE GRAÇA	16
4.1 Luteranismo e calvinismo.....	18
4.2 A contrarreforma	20
4.3 O jansenismo	20
4.4 Pascal e o jansenismo	23
5 A ANTROPOLOGIA PASCALIANA	24
5.1 O pecado original.....	26
5.2 A graça.....	28
5.1 O pecado original.....	26
6 A MORAL PASCALIANA A PARTIR DE SUA ANTROPOLOGIA	31
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1 INTRODUÇÃO

O homem, em seus mais variados momentos ao longo da história, tanto demonstrou seu caráter de benevolência e de bondade quanto revelou um caráter de egoísmo e de maldade. Há uma marca latente tanto individual quanto social de duas realidades igualmente presentes: uma de miséria e outra de grandeza.

Blaise Pascal foi o filósofo que primeiramente abordou a questão da presença dessas duas realidades, de grandeza e miséria, no homem. Vivendo no período da modernidade, que surge no século XVI europeu, o pensador marca a história do pensamento ao se contrapor às tendências racionalistas da época.

A Modernidade distingue-se pelo aprofundamento das questões sobre o homem, colocado no centro das reflexões e pelo cartesianismo, que busca, através de um método, o conhecimento absolutamente verdadeiro (indubitável) sobre tudo. Nesse sentido, o cartesianismo elabora uma concepção de racionalidade natural que se coloca em oposição à tradição racional escolástica e à tradição do pensamento agostiniano.

Mas o movimento filosófico mais marcante da Modernidade foram as revoluções científicas, sobretudo as que se dedicam a novas abordagens do pensamento cosmológico:

Com Copérnico e Kepler, mas principalmente com Galileu, a cosmologia tradicional se havia rompido, passando de uma organização finita de elementos hierarquicamente organizados, no centro da qual situava-se a Terra, para um universo infinito, com uma série indefinida de mundos, mas que podia ter sua estrutura apreendida por via da homogeneidade fundamental que o instrumental de conhecimento matemático conferia a todos esses elementos. Assim ficava comprometida a diferenciação hierárquica que conferia ao homem um lugar privilegiado, espécie de finalidade para a qual tudo convergiria e na qual se configurava o sentido da realidade. (SILVA, 2002, p. 340)

René Descartes por exemplo, propõe que o homem encontra sua dignidade na razão já que, pelo bom uso da mesma, poder-se-ia alcançar ideias claras e evidentes e com estas empreender um verdadeiro conhecimento do

universo. O homem é o grande protagonista e está no centro de tudo, suas potencialidades são enaltecidas, sobretudo a racionalidade. Pascal é um pensador que se coloca na contra-corrente desse movimento questionador, científico e racionalista tão influenciado por Descartes.

Pascal não retira o homem da questão central, contudo, traz uma reflexão mais aprofundada sobre quem é o homem. Na origem do pensamento antropológico de Pascal, existe a constatação de que existem na natureza humana dois estados: um estado primeiro de graça e plenitude em que o homem se encontra em contato com seu Criador e outro estado no qual o indivíduo se encontra na miséria devido à herança do Pecado Original, o pecado adâmico, tornando-se sujeito à concupiscência. O filósofo parte dos conceitos agostinianos de queda, concupiscência e graça para fundamentar as suas ideias sobre a condição humana.

Nosso objetivo agora é ver qual a moral concebida pelo autor a partir de sua antropologia filosófica.

2 O HOMEM MORAL PASCALIANO

O estudo de Pascal é de grande relevância, sobretudo por seu valor histórico, em um momento em que o homem era o centro do pensamento filosófico, e que a racionalidade era o que definia o homem como tal, enquanto para o filósofo o homem possui não somente perfeição (grandeza), mas também uma condição de fragilidade (miséria). Para os dias atuais, reavivar o pensamento de Pascal é compreender como o homem contemporâneo vê sua inserção no mundo, em que mais do que colocar-se na posição central, a ciência e a técnica propiciaram-lhe o lugar de grande dominador.

Estudar Pascal, é também, rememorar que a natureza do homem é uma realidade aberta que não pode se reduzir às definições cartesianas. Como grande amante da verdade, Pascal encontrou em Deus, as respostas que construíram seu ideal de vida. Seu pensamento nos dias de hoje, propicia uma reflexão sobre a essência humana, um problema que diz respeito à vida, não um problema de mera especulação.

A própria vida de Pascal, com suas crises existenciais intensas, apresenta-se como fonte de conhecimento sobre o homem, fazendo-o se lembrar constantemente de quem é: a morte precoce de sua mãe, a vivência mundana após o falecimento de seu pai, o convívio com a pobreza, com a doença, o diálogo com os demais pensadores e intelectuais com quem conviveu, a busca da verdade de modo aberto e profundo dentro do universo infinito e da sua totalidade:

Pascal nasceu numa família da baixa nobreza provinciana que prestava serviços ao rei em atividades subalternas. Assim, embora tenha nascido sob a vocação de prodígio, passará toda a vida entre as tenazes da razão e da fé, da sensatez, e da loucura. Incapaz de controlar o corpo escapará muitas vezes por meio de convulsões a cada crise importante. Pascal revela-se um gênio desde cedo. Por volta dos 13 anos por si só descobriu a matemática, ao chegar sozinho às proposições de Euclides, uma vez que seu pai o impediu de ter contato com livros sobre o assunto. (ROCHA, 2016, p.49)

A sua contribuição para o campo das ciências foi significativa e de grande importância. Atuou nas áreas da matemática, da física, da geometria, mas a sua

genialidade alcança o auge nas reflexões filosóficas e teológicas. Possuía uma saúde frágil, devido a enxaquecas, paralisias e problemas renais; não possuiu tempo de produzir muitas obras, devido a sua morte prematura aos 39 anos, contudo, seus escritos filosóficos manifestam com inigualável eloquência as ansiedades que perturbam a alma humana. Vocação para prodígio, nascer em uma família afortunada contrastam com a saúde frágil e a perda precoce de seus. Sua vida é o exemplo vivo da miséria e graça trabalhada em sua obra.

As obras de Pascal contribuíram com o conhecimento nas mais diversas áreas, contudo, foram a filosofia e a teologia que receberam os maiores empenhos do filósofo; Pascal a princípio pretende escrever uma *Apologia da Religião Cristã*, pela qual pretende defender a fé, a doutrina e a moral cristã, mas que infelizmente não se concretiza da maneira que o autor desejava devido à sua morte, o resultado foi a obra *Pensamentos*, que será o principal aporte dessa pesquisa. O filósofo também escreveu as cartas conhecidas como *As Provinciais*, que teve como objetivo defender a doutrina jansenista.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PENSAMENTO DE PASCAL

A França de Pascal encontrava-se em uma época marcada pelo florescer de muitos pensadores, que, buscando na antiguidade clássica da filosofia (epicurismo, naturalismo imanentista e ceticismo), e trazendo de volta temas renascentistas, procuram confrontar a moralidade e as crenças religiosas proclamadas e defendidas em seu tempo. Alguns temas destes pensadores são: a ruptura com a escolástica, a confiança nas ciências, a defesa da autonomia da razão e sua capacidade crítica. Grande parte dos escritos destes autores é uma crítica da religião, particularmente do cristianismo, que é tido por eles como superstição.

Esta época é ainda marcada fortemente pelos confrontos filosóficos, Pascal, de exímia inteligência, fez parte desses embates, enquanto a maioria dos pensadores nutriam-se basicamente do racionalismo cartesiano, ele trava uma ferrenha crítica a Descartes, que defendia o racionalismo e a especulação lógica, fria, objetiva e precisa, aplicados a toda e qualquer forma de ciência, seja ela natural ou humana.

3.1 A influência de descartes no pensamento da época

No início da obra *Discurso do Método*, Descartes, contemporâneo de Pascal, afirma que “o bom senso é a coisa do mundo mais bem distribuída, porquanto cada um acredita estar tão bem provido dele (...)” (DESCARTES, 2006. p.10), esse pensamento já conduz o leitor a uma nova concepção de racionalidade, que nasce em oposição às tradições escolásticas e agostinianas. Com o pensamento de Descartes, surge na modernidade uma nova compreensão de igualdade entre os seres humanos; uma igualdade pautada na razão, e que se liberta dos princípios da teologia.

Para Descartes, a razão se torna livre, pois basta-se a si mesma, o uso do “bom senso” é o necessário para o homem e a possibilidade de diferenciar o que é verdadeiro daquilo que é falso fundamenta-se em uma regra própria. Deste modo, a razão torna-se livre de imposições teológicas e religiosas.

Pascal repudiou veementemente o Deus dos filósofos, afirmando que o Deus da tradição cristã não é aquele dos filósofos e dos sábios, e critica duramente Descartes por deixar Deus à margem de seu pensamento:

Não posso perdoar Descartes; bem quisera ele, em toda sua filosofia, passar sem Deus, mas não pôde evitar fazê-lo dar um piparote para pôr o mundo em movimento; depois do que, não precisa mais de Deus (PASCAL, 1973, p.61-62)

A ideia de Deus em Descartes, contudo, era bem diferente da ideia concebida por Pascal. No pensamento cartesiano, de maneira alguma se pode falar de Deus sem que antes disso, se mencione o cogito, uma vez que o conhecimento de Deus parte da evidência racional do cogito. A partir daí surgem os motivos da crítica que Pascal elabora à metafísica de Descartes, pois Pascal afirma que o homem se encontra em um estado dilacerado e que só pode ser grande se admitir a si mesmo, dentre todas as criaturas, como a menor diante de Deus. Para Pascal, a razão cartesiana que surge no *Discurso do Método* conduz o estudioso à soberba, e Pascal sintetiza sua crítica a Descartes: “Descartes: inútil e incerto” (PASCAL, 1973, p. 62)

3.2 O momento histórico em razão da fé

Blaise Pascal viveu em um momento religiosamente violento; de um lado vinham, as grandes transformações do cristianismo vigente com a ruptura de Lutero, que iniciou a Reforma Protestante, de outro a Contrarreforma que pretendia conter a perda de fiéis causada pela Reforma. Na França, Pascal vê surgir o Jansenismo, do qual torna-se adepto.

A Reforma iniciou-se com o objetivo de reinterpretar a mensagem bíblica de salvação numa época em que ela parecia não mais estar sendo anunciada de maneira satisfatória. Essa reorientação se efetuou pelo recurso ao testemunho apostólico, tal como este era conservado de forma normativa na Sagrada Escritura, mas reivindicava ao mesmo tempo um vínculo de continuidade com a proclamação e a doutrina de Igreja antiga. (LACOSTE, 2004).

Entre as convicções que fundamentam a Reforma destacam-se: primeiro, a condescendência¹ desinteressada de Deus por parte do ser humano constitui um único caminho de salvação; segundo, a salvação do pecador, é o centro da proclamação e da doutrina eclesial, assim como o cerne da existência cristã; terceiro, Lei e o Evangelho devem ser distinguidos e ordenados com relação um ao outro.

O que marca esses três pontos é o reconhecimento de Deus sobre a condição de pecador dependente do auxílio divino. A palavra de Deus é por um lado, uma palavra de mandamento e de juízo, devido a Lei², por outro lado é uma palavra de misericórdia e salvação, devido a mensagem do Evangelho de Cristo; e em Pascal as Escrituras não passam despercebidas: “não desprezeis as Escrituras, estimai as Escrituras” (PASCAL, 1973, p. 142).

Essas duas realidades da palavra divina devem ser distinguidas uma da outra sem que sejam dissociadas. É necessário que sejam distinguidas para que seja possível garantir o caráter de gratuidade da salvação, contudo, é também necessário associá-las para evitar o erro de uma compreensão da graça de Deus como como uma concessão de “justa graça”.

Ainda dentro deste momento histórico em que está Pascal, surgiram vários movimentos religiosos dos quais podemos destacar o Calvinismo, o Luteranismo e o Jansenismo (que surge como movimento de Contrarreforma), esses movimentos tomavam como base filosófica e teológica o pensamento de Santo Agostinho.

¹ Condescendência comparada à Jesus Cristo. Embora, cada batizado seja inserido na Igreja como filho de Deus, o é em sentido místico e não literal, pois, somente Jesus Cristo é literalmente filho de Deus. Logo, o homem não pode almejar um patamar similar ao de Jesus, mas deve se reconhecer como pecador alcançado pela bondade de Deus que o acolhe como filho.

² Lei Mosaica. Princípios instituídos por Deus que são revelados ao patriarca Moisés para regulamentar a conduta do povo israelita e que continua a ser basilar para a conduta cristã.

4 A CONCEPÇÃO AGOSTINIANA DE GRAÇA

Santo Agostinho, dentre seus escritos, tratando de temas de ordem filosófica, teológica ou pastoral, ateve-se a discorrer a respeito da graça de Deus e como esta age no ser humano. Dado a riqueza de suas reflexões sobre este tema, a Igreja tomou o pensamento agostiniano como norteador da fé a esse respeito. No tempo da Reforma Protestante, foi ele também o norteador das concepções elaboradas por aqueles que romperam com a Igreja Católica.

Deus é o bem soberano, e Ele se basta, sendo ele esse bem, perfeito e todo-poderoso, tudo que dá, Ele o faz de maneira livre e gratuita, e assim sendo não pode haver qualquer obra sua que não seja uma graça (GILSON, 2006). Há no homem uma graça natural, que lhe é inculcada pela sua natureza de ter sido criado à imagem e semelhança de seu criador, essa graça é uma graça comum a todos os homens, contudo há acima desta, uma graça mais sublime, e extremamente diferente, não é uma graça inerente a todos os homens, mas desta vez, uma graça concedida a apenas alguns homens, fiéis à Deus.

Na criação, Deus inculcou no homem uma dignidade infinitamente superior: “A dignidade do homem, consistia, em sua inocência” (PASCAL, 1973, p. 160), se comparada à qual este se encontra no estado presente, neste estado “pós-corrupção” do pecado. Antes do pecado, o homem tinha como essência o amor à Deus, seu criador, e sem estar corrompido pelo pecado, estava livre de todo mal, era imortal e incorruptível.

Uma vez que o homem incorre no pecado original, e a humanidade perde o estado da graça natural, Deus concede uma segunda graça, que se constitui nos dons gratuitos para reestabelecer a condição primeira do homem afim de que este alcance a salvação; essa graça é única e necessariamente dada por Deus, de boa vontade aos homens, predestinadamente por ele escolhidos, e somente assim, pois não há nada que o homem faça que o torne merecedor desta graça, não há mérito nas obras humanas, o único canal por onde a graça incorre no homem é a fé, uma vez que essa graça é consequência dos méritos da morte de Jesus Cristo:

Para o homem, portanto, a aquisição da graça é uma condição necessária para a salvação. Alguns crêem obtê-la por meio de

suas boas obras, mas isso é inverter indevidamente os termos do problema. A graça não seria gratuita, ou seja, não seria graça se fosse possível merecê-la. Ora, o começo da graça é a fé. A fé ocorre antes das obras; não porque as dispense e as suprima, mas ao contrário, porque estas decorrem dela, em outros termos, ninguém deve pensar que recebeu a graça devido às boas obras que realizou; mas que não poderia realizar boas obras a menos que, com a fé, tenha recebido a graça. (GILSON, 2006, P. 292)

Há ainda no pensamento de Agostinho, um problema referente a relação entre graça e liberdade, neste campo, a doutrina de Pelágio³, sem ser a causa da doutrina agostiniana da graça, dá ocasião para a maioria das exposições que Agostinho nos ofereceu (GILSON, 2006). A doutrina pelagianista, no campo da liberdade afirma que o homem pecou somente por um mau uso do livre-arbítrio concedido por Deus, e isso não diminui os elementos bons no homem, nem sua possibilidade de realizar o bem, assim sendo, o dom da graça, não acontece na vontade do homem, ele se constitui no perdão da ofensa realizada contra Deus, na realização do ato ruim, mau.

Com efeito, a vontade livre, estando intacta depois da queda do primeiro homem, deve ter permanecido tal e, uma vez que sua natureza não foi corrompida, todo homem vê o dia no mesmo estado de liberdade que Adão ao sair das mãos de Deus. A partir disso, a humanidade, não estando decaída, não tem mais necessidade da justificação, se esta se refere a remissão de ofensas; o sacrifício do Cristo, que outrora foi uma brilhante demonstração da infinita bondade de Deus e uma poderosa incitação ao bem que se direciona à humanidade inteira, opera em todo homem somente a remissão dos pecados, sem atingir a vontade. (GILSON, *ibid.*)

Agostinho, refuta Pelágio de maneira exemplar e veemente, pois o pelagianismo se constitui como uma doutrina que acaba por negar radicalmente as concepções da fé cristã. Em resumo esta doutrina conduz a crença de que a graça não atua no homem como um meio para se prevenir de cair em tentação,

³ Pelagianismo. Prega que o homem é livre, que participa enquanto criatura da graça do Criador e que pode tornar-se, só por suas forças, a verdadeira imagem de Deus. Afirma igualmente que alguns podem ser sem pecado, e que alguns foram libertados do pecado antes de morrer. Quer sobretudo uma “Igreja de puros”, de cristãos perfeitos, e seu ideal encontra um eco dos círculos aristocráticos,

mas atua somente depois que o homem já incorreu no pecado, como forma de apagá-lo.

É essencial no pensamento de Santo Agostinho que somente a graça de Deus é capaz de nos auxiliar na empreitada contra a miséria que nos é trazida pelo pecado, isso fica evidente quando o filósofo lê a exposição da doutrina Paulina sobre a graça:

Lancei-me avidamente à venerável Escritura inspirada por ti, especialmente à do apóstolo Paulo [...]. Começando a leitura, descobri que tudo o que de verdadeiro tinha encontrado nos livros platônicos aqui é dito com a garantia da tua graça, para que não se ensoberbeça quem consegue ver [...]. Senhor, tu és justo. Nós, porém, pecamos, cometemos a iniquidade⁴, procedemos impiamente e sua mão pesou sobre nós [...]. Que fará este homem de miséria? Quem o libertará deste corpo de morte, senão a tua graça, por meio de Jesus Cristo Senhor nosso⁵ [...]? (AGOSTINHO, 1984, p. 196-197)

4.1 LUTERANISMO E CALVINISMO

O movimento liderado por Lutero pretendia ser um caminho para uma experiência autêntica de fé. Nessa consolidação há um esforço para preservar a herança da fé; isso não ocorre, todavia, sem que aconteçam algumas modificações nas estruturas da teologia e da piedade propriamente católicas.

Ainda reforçam-se as crenças basilares da fé luterana, bem como a insistência da compreensão pessoal da fé cristã (isto é, sem intermediação dos ministros da Igreja Católica), o retorno à Escritura como fonte viva da fé, valorização do sacerdócio universal e colaboração dos leigos (contra a tendência de se hierarquizar a fé, por meio de uma comunhão dos homens).

Lutero recusa o *livre-arbítrio* do ser humano. O catolicismo também afirma a incapacidade do homem de viver sem pecar⁶ e de se voltar por suas próprias forças para Deus, mas acrescenta que lhe assiste a liberdade de obedecer ou se submeter à graça e que, pelos seus esforços vida presente, pelas suas obras,

⁴ Cf. Dn 3,27 e 29,6.

⁵ Cf. Rm 7,24

⁶ “Em consequência do pecado original, a natureza humana, sem ser totalmente corrompida, está ferida em suas forças naturais, submetida à ignorância, ao sofrimento ao poder da morte e inclinação ao pecado. Essa inclinação é chamada *concupiscência*”. (Compêndio, n° 77, pág.42)

adquire merecimento, que unido aos merecimentos de Cristo lhe permitem alcançar a salvação. É exatamente sobre a concepção de obras, que surge a divergência mais clara entre catolicismo e luteranismo.

De maneira geral, fica claro no pensamento de Lutero que em comparação à imensa proporção do pecado no gênero humano, os méritos humanos, obtidos pelas obras, são quase que nada, afinal para que o poder devastador da morte, herança do pecado, seja vencido é necessário a graça, aqui aparece a segunda crença mais revolucionária de Lutero.

Apenas ela [a graça] pode levar o homem ao bem e, aliás, é o que faz de forma irresistível, pois o justo não é mais livre do que o pecador: ambos são igualmente prisioneiros do “servo arbítrio”. Se a heresia pelagiana menosprezava o papel fundamental da graça, os luteranos tendem a ampliar a sua ação. (ROPS, 1996, pág. 311).

Para Lutero, não seria possível obter a salvação por si, ela seria concedida única e exclusivamente por Deus, por razões inerentes somente à Ele, isto é, a doutrina da *predestinação*. Diferentemente de Agostinho, mas fundamentado nele, para Lutero o homem não é justificado por uma conversão interior, uma mudança de vida, mas unicamente por que Deus o preenche de perdão, em nome dos infinitos méritos de Cristo e isso se dá pela fé.

Para Calvino, não há diferença alguma entre a vontade do homem que será salvo e do que será condenado. Contrariamente à máxima agostiniana de que Deus, apesar de nos criar sem nós, não nos salvará sem nós, a ideia calvinista rompe qualquer concorrência de vontades.

Os calvinistas entendem que Deus é o responsável pela queda de Adão; que o homem decaído é incapaz de ter uma boa vontade; que Deus age no homem apenas de maneira exterior, quer dizer, não interferindo em sua vontade, mas o destinando para a salvação ou condenação independentemente de qualquer cooperação volitiva de sua parte. Neste sentido, não existe em Deus diferença entre fazer e permitir. (GARCIA, 2012, p. 35)

Lutero e Calvino como outros, tinham apresentado tanta ênfase na natureza humana desamparadamente pecadora que era inevitável a reação dar-se em sentido oposto. Calvino, como Lutero, também destaca a importância da

Sagrada escritura como sendo a regra de vida na qual os cristãos deveriam se apoiar: “Busquemos, pois, na Escritura o princípio fundamental para reformar e orientar nossa vida” (CALVINO, 2003, p. 21).

4.2 A contrarreforma

Diante das crescentes manifestações de seus fiéis contra a doutrina e da diáspora de católicos para nascente “Igreja” protestante, a Igreja Católica viu-se cada vez mais necessitada de responder à altura, para tanto, seus líderes iniciaram uma grande reforma interna, com um movimento para reorganização e moralização de suas estruturas.

O maior marco desta “resposta católica” à reforma protestante foi a Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loyola, um ardoroso soldado espanhol; seus integrantes, conhecidos como jesuítas, tornara-se verdadeiros soldados da Igreja, seguindo o exemplo devoto e fiel de seu fundador, e tinham como principal meta conter a “hemorragia” de fiéis que acontecia no seio do catolicismo, através do ensino, sobretudo do catecismo e da conversão, que se deu de maneira particular, com os não-crentes das terras do “Novo Mundo”.

4.3 O jansenismo

O princípio do pensamento jansenista está na obra *Augustinus* concebida e publicada por Cornelius Jansenius⁷, onde procura apresentar o pensamento agostiniano sobre a graça e a salvação, partindo de suas raízes, como forma de combater os ensinamentos molinistas⁸ que eram ensinados por alguns membros da Companhia de Jesus. Ao publicar seu escrito, Cornélio, estava violando a decisão papal vigente que proibia discussões sobre esses temas, e que desencadeou assim a primeira de uma série de condenações.

⁷ Jansenius, foi professor de Sagrada Escritura na Universidade de Louvain e depois nomeado bispo da diocese de Ypres.

⁸ Pensamento originário do Jesuíta Luis de Molina (1535-1600) que pretendia fundar na razão as relações entre a graça e a liberdade, assim como as questões ligadas à ciência divina e a determinação por Deus dos futuros contingentes. Essa tentativa situa-se num contexto particular: tratava-se por um lado de lutar contra a negação lútero-canvinista do livre-arbítrio, e de outro evitar o escolho do pelagianismo. (LACOSTE, 2004, p. 239)

Pascal, contudo, não concordava com a opinião papal, pois acreditava que havia aí uma manipulação de outrem: “O papa é facilmente induzido ao erro por causa da confiança que deposita nos jesuítas; e os jesuítas são muito capazes de induzir um erro por causa da calúnia” (PASCAL, 1973, p. 273). O que não impediu de nada a Igreja de agir severamente com Jansenius:

No sentido estrito, o jansenismo é uma heresia delimitada por várias condenações do magistério pós-tridentino⁹; no sentido mais amplo, designa-se dessa maneira um movimento interno do catolicismo que nega a necessidade dessas condenações e limita seu alcance, e que procura sobretudo apresentar do cristianismo uma imagem mais fiel às suas origens e aos seus objetivos. (LACOSTE, 2004, p. 925)

A principal condenação de Jansenius acontece quando sua obra, *Augustinus* é submetida ao julgamento da Santa Sé; esta por sua vez condena¹⁰ cinco proposições sobre a obra:

1/ Alguns mandamentos de Deus são impossíveis aos justos que desejam e se esforçam segundo as forças que têm atualmente; falta-lhes também a graça que os tornaria possíveis.

2/ No estado de natureza decaída, nunca se resiste à graça interior.

3/ Para merecer e deixar de merecer no estado de natureza decaída, a liberdade que exclui a necessidade não é requerida; a liberdade que exclui a obrigação é suficiente.

4/ Os semi-pelagianos admitiam a necessidade da graça interior proveniente para cada ato particular, mesmo par ao ato de fé inicial, e eram heréticos no sentido de que desejavam que essa graça fosse tal que a vontade pudesse seja resistir a ela, seja obedecer-lhe.

⁹ Referência ao Concílio de Trento, ocorrido em 1563. Deste concílio se destacam os decretos doutrinários contra os reformadores, e a reafirmação dos dogmas sobre o pecado original, a justificação, e do pensamento teológico e das práticas devocionais como a Escritura, a Tradição e o culto aos santos.

¹⁰ Constituição Apostólica *Cum Occasione* de 31 de maio de 1653.

5/ É semi-pelagiano dizer que Jesus Cristo morreu ou que derramou seu sangue em geral por todos os homens. (LACOSTE, 2004, p. 926)

O grande palco de destaque do movimento jansenista foi a França, onde este pensamento haveria de se desenvolver. É neste palco que Jansenius encontra proteção e incentivo de seu amigo Jean du Vergier de Hauranne, ilustre abade de Saint-Cyran (1581-1643), que exercia aí uma notável influência e que lançou raízes para uma reforma católica tendo como caminho principal o modelo de Igreja primitiva, o abade de Saint-Cyran, fez do convento de Port-Royal o lugar central de onde se manifestava e difundia suas ideias.

Neste momento histórico, os teólogos de Port-Royal estão engajados em ao menos duas polêmicas: uma concernente à graça e outra à eucaristia, pois já havia se iniciado a campanha que culminara em 1653 na condenação¹¹ das cinco proposições heréticas atribuídas à Jansenius (GOUHIER, 2005).

A oposição real era menos clara pois o rigorismo é antes característico da reforma católica em geral, mas permanece o fato de que as zonas de influência jansenista foram marcadas por uma concepção severa da salvação, e por uma moral rigorosa, cuja fundamentação se encontra na teoria da predestinação de Santo Agostinho. A graça não é concedida ao homem pelo seu mérito, mas como dom de Deus, ou seja, como graça eficiente. Esta se achava ligada a uma rejeição da concepção molinista da graça e, sobretudo, à ênfase na primazia do amor de Deus e na eficácia do socorro divino. É essa rejeição da “graça suficiente”, retomada desde a publicação do *Augustinus*, que justifica da parte dos anti-jansenistas as acusações sintetizadas na Cinco Proposições.

4.4 Pascal e o jansenismo

Um fator de extrema relevância é a relação de Pascal com o movimento jansenista. A pregação jansenista resultou em uma polêmica contra os membros da Companhia de Jesus, no que se refere a graça eficaz. Pascal optou pelo

¹¹ *Cornelii Jansenii Episcopis Iprensis Augustinus sive doctrina sancti Augustini de humanae nature sanitate, De aegritudine, medicina, adversus Pelagianos et Massilienses, tribus tomis comprehensa.*

ensinamento da teologia jansenista em contraposição ao racionalismo e o otimismo dos Jesuítas.

A graça eficaz, defendida pelos jesuítas, afirma que o homem age em colaboração com Deus para ser merecedor dela por meio do livre arbítrio. Isso ressoou no campo da moral pascaliana, que tendo sua gênese no jansenismo, propunha uma moral mais severa. Todavia, os Jesuítas não se submeteram a tal postura, adotando uma moral mais flexível:

Pascal entrou na briga e tomou partido dos jansenistas contra a Sorbonne e a Igreja “oficial”. Até ele, o grande público não estava nem um pouco apaixonado por esses debates tenebrosos de teólogos em torno da “graça eficaz”. Mas Pascal aparece e inventa um gênero literário, que fará fortuna na França: a polêmica de ideias [...] A medida que são publicadas as Cartas Provinciais, a querela teológica se transforma em escândalo. Os padres jesuítas tiveram a ideia infeliz de replicar esse adversário anônimo. Pior para eles: Pascal remexe os grossos “in-fólio” de seus casuístas e, textos a mão, ridiculariza e arrasta alegremente na lama a ilustre Companhia. (LEBRUN, 1983. Apud. ROCHA, 2016, p. 44)

O encontro de Pascal com o Jansenismo pode ser considerado como o centro de seu itinerário espiritual, e foi que lhe possibilitou experimentar melhor sua sede de transcendência por meio de uma militância religiosa que busca a vitória da verdade na Igreja, e a vitória da fé na sociedade laica. Foi a intenção de Pascal ao escrever sua apologia, um tratado espiritual, cuja intenção era defender o cristianismo com o propósito de persuadir os ateus, os libertinos e os céticos.

5 A ANTROPOLOGIA PASCALIANA

Na antropologia de Pascal, os valores cristãos são destacados. Pascal parte do pensamento de Santo Agostinho, afirmando que depois do pecado original, cometido por Adão e da conseqüente queda, o homem só pode contar com a graça que provém de Deus, destinada a alguns escolhidos, de maneira inteiramente gratuita. Para Blaise Pascal, o homem esteve em um estado de graça e perfeição, mas caiu desse estado: “Criei o homem santo, inocente, perfeito; enchi-o de luz e de inteligência [...], mas não pode manter tanta glória, sem cair na presunção. Quis tornar-se o centro de si mesmo”. (PASCAL, 1973, p.143). É por essa razão que Pascal encontra na natureza do homem duas realidades: a primeira é a plenitude do homem com Deus e a segunda, a miséria, como conseqüência do pecado de Adão.

Essas duas realidades no homem o constituem como ser entrelaçado em um paradoxo composto por duas realidades. Por um lado, sua natureza perfeita, como fora criada por Deus e de seu estado de graça antes do pecado de Adão e por outro de sua condição de miséria em razão do pecado. Esse paradoxo é marca da angústia do homem quando este se torna consciente da realidade em que se encontra: “O homem não sabe em que lugar se colocar. Está visivelmente perdido e caiu de seu lugar sem conseguir reencontrá-lo” (PASCAL, 1973, p.142).

O homem percebe o quão difícil e lamentável é sua condição ao confrontar seu primeiro estado, marcado pela perfeição em Deus e seu segundo estado com sua insuficiência diante de si mesmo, porque percebe que em seu primeiro estado era cumulado de bem e perfeição e não era suscetível às mazelas que seu segundo estado traz em razão do pecado.

Pascal percebe que grande parte dos homens não almeja encontrar-se com Deus, nem com si próprios. Perdem-se no amor a si próprios, que os afasta de Deus, pois o homem foi criado com uma capacidade de amar infinitamente; e esse amor deve ser direcionado Àquele que é infinito.

Contudo, no momento em que o homem volta esse amor para si, vê-se num grande problema, pois o amor que lhe foi inculcado para o infinito é agora

direcionado para um ser totalmente finito, formando uma realidade paradoxal, a qual o homem responde colocando “todo seu cuidado em encobrir os próprios defeitos a si mesmo e aos outros, e não suporta que o façam vê-los, nem que os vejam” (PASCAL, 1973, p. 68), como meio de se tornar um pouco mais digno desse amor, “sendo o homem interior em Pascal, um homem angustiado, tedioso, o homem exterior aparece então aí como o homem que foge de si mesmo, dissolvendo sua interioridade na paixão da criatura” (PONDE, 2001, p. 25).

Oliva nos ajuda a entender como ocorre a queda do homem e seu distanciamento de Deus, como perde seu estado de perfeição em Deus pelo pecado do orgulho e acaba em seu estado de miséria:

O homem quis fazer-se centro de si mesmo. Sua grandeza junto a Deus fê-lo pensar que podia ser grande por si só. O orgulho levou-o, deste modo, para a miséria. Se não tivesse feito isso, Adão poderia ter uma eternidade de vida e felicidade para si e seus descendentes. Pecando, obteve dor, sofrimento, morte e condenação eterna para toda a humanidade. Após o pecado, o homem tornou-se pequeno e miserável, e por isso nenhuma de suas boas ações pôde compensar o mal, criado por Adão. Só ele tinha a grandeza para escolher livremente, sem atrações irresistíveis, entre o mal e o bem eternos, só ele tinha proporção com o infinito. Por esta razão é justo que Deus condene toda a posteridade em nome do pecado de Adão: nenhuma das virtudes humanas pode recuperar tal proporção. (OLIVA, 2012, p. 27)

É na obra *Pensamentos* (1973) que Pascal aborda com mais profundidade essa questão da miséria e da grandeza humana. O paradoxo miséria e grandeza fica dividido na obra no início do artigo segundo, “*Primeira Parte: Miséria do homem sem Deus. Segunda Parte: Felicidade do homem com Deus* (PASCAL, 1973, p.53). Através dessa estrutura, o filósofo nos mostra a condição de impotência do homem sem Deus, e, ao mesmo tempo, a ação misericordiosa de Deus através do reparador, de acordo com as Escrituras. A condição de miséria do homem aumenta de acordo com o grau de distanciamento que este toma de Deus, porém a grandeza ou a felicidade do homem somente descansam em Deus. Essa é a base da antropologia filosófica de Pascal.

5.1 O pecado original

O homem que aparece na antropologia de Pascal é essencialmente caracterizado pela miséria. Fato consumado desta realidade é que encontramos em Pascal uma constante afirmação da condição, miserável e deficiente do homem, que depende de um mediador que possa lhe trazer a redenção.

A princípio, a antropologia de Pascal pode parecer uma antropologia vinda de um pensamento estritamente teológico, uma vez que seu princípio está nas Escrituras, no relato de Adão, mas em sua antropologia, a teologia é um auxílio para que a filosofia possa compreender o homem.

Blaise Pascal, ainda que influenciado pelo pensamento agostiniano, também discorre sobre o livre-arbítrio; “Pascal desdobra os conceitos que são secretados por tal afirmação agostiniana: o abandono enquanto fenômeno se dá devido ao fato de o justo ter sido deixado sob a guarda do seu livre-arbítrio. Logo, o livre-arbítrio do justo é tão insuficiente quanto ao do não-justo.” (PONDÉ, 2001, p. 92).

Há uma diferença entre os estados de grandeza e miséria, que mostra o quão perfeito era o livre-arbítrio de Adão, em que o homem poderia escolher por meio da razão, entre o bem e o mal de maneiras iguais. Adão no paraíso experimentou uma plena liberdade, sob uma única condição, a de não comer do “fruto da árvore da ciência do bem e do mal”¹², contudo, ao convite de Eva, para provar do “fruto proibido”, Adão encheu-se de uma ganância tão grande que foi levado à uma queda da mesma dimensão de sua ganância, e esta queda só poderia ser reparada, por um grande sacrifício, o de Jesus na cruz.

Em razão do pecado, o homem pós-Adão (em estado de miséria), possui um livre-arbítrio deficiente se comparado ao de Adão (em estado de grandeza), propenso à concupiscência e ao egoísmo, pois a força do pecado no homem, o impulsiona a sempre tender ao desejo de pecar.

De acordo com as Escrituras, o marco inicial da história da humanidade é o momento do pecado de Adão e de sua desobediência a Deus. Na filosofia e

¹² Gênesis 1,17.

na teologia, o problema do pecado é tratado de modo a tentar explicar a questão da existência do homem e do mal. Várias perspectivas sobre a origem do pecado foram apresentadas ao longo da história. Santo Tomás, define o pecado como “o que é dito, feito ou desejado contra a lei eterna” (AQUINO, 2005, P.300)¹³. E muito antes de Aquino, no período patrístico já surge o interesse de investigação com certa profundidade sobre o problema do pecado original. Através do debate entre Pelágio e Agostinho a respeito da graça, a doutrina do pecado original passou a ter lugar na história.

Santo Agostinho provavelmente é o pensador que mais sistematicamente colocou sob o crivo da reflexão o pecado original e suas consequências na humanidade. Em sua obra intitulada *A natureza do Bem*, o bispo de Hipona afirma que “o pecado não consiste no apetecer uma natureza má, e sim na renúncia de outra, superior, de sorte que o mal é essa mesma preferência, e não a natureza de que abusa ao pecar. O pecado consiste, portanto, em usar mal o bem” (AGOSTINHO, 2006, p.49). Ele afirma que o homem possui liberdade e tem o dever de realizar o bem, e caso isso não aconteça, ele será o responsável. Então, o pecado é de responsabilidade do homem, que escolhe pela ação livremente.

Blaise Pascal trilha um caminho que tem como ponto de partida a reflexão agostiniana sobre o pecado, assim, seu pensamento antropológico baseia-se na doutrina de Agostinho sobre o pecado original, se apoiando nas Sagradas Escrituras e na doutrina cristã que busca explicar a origem da miséria humana, do seu sofrimento e da existência do mal, pela queda de Adão. Este ponto de partida é de fundamental importância para o pensamento de Pascal, que toma um pressuposto teológico “abstrato”, para chegar a uma concepção antropológica “existencialista”.

As discussões da teologia e da filosofia sobre o pecado original, geralmente planaram em torno da sua origem e da transmissão de Adão à humanidade em geral. Quanto à origem, Pondé escreve que:

¹³ Suma Teológica, IV, Q.71, art. 6.

O começo de todo o pecado é orgulho (Eclesiastes 10, 15). O que é o orgulho senão o desejo de uma grandeza perversa? [...] O diabo não teria seduzido o homem se este último não estivesse já começado a sentir prazer consigo mesmo. Pois a causa de sua *delectatio* foi a palavra: 'Sereis como os Deuses'. Deuses, os homens poderiam ser muito melhores pela união ao princípio verdadeiro e à soberania graça à obediência do que constituindo a si mesmos como seu princípio por orgulho. (AGOSTINHO, Santo, *De Civ. Dei* XIV, 13, no 1-2 *apud* PONDÉ, 2001, p. 76.)

Pascal, ao refletir sobre as condições em que implicou a queda do primeiro homem, e na transmissão das consequências desta, percebe que não há como encarar a realidade, senão pelo choque causado pela herança do pecado, e que este mistério, é de imensa importância para o conhecimento do homem:

Coisa assombrosa, no entanto, que o mistério mais distanciado do nosso conhecimento, que é o da transmissão do pecado, seja uma coisa sem a qual não podemos ter qualquer conhecimento de nós próprios. Sem dúvida não há nada que choque mais a nossa razão do que dizer que o pecado do primeiro homem tornou culpados os que, estando tão afastados dessa fonte, parecem incapazes de participar dela [...] Por certo nada nos choca mais rudemente do que tal doutrina; no entanto, sem esse mistério, o mais incompreensível de todos, somos incompreensíveis a nós mesmos. O nó de nossa condição forma suas dobras e voltas nesse abismo. De sorte que o homem é mais inconcebível sem esse mistério do que esse mistério é inconcebível ao homem [...] (PASCAL, 1973, p.149)

Segundo a visão pascaliana, o pecado original é uma realidade universal, e isto é um fato consumado, e dizer o contrário disso é negar um fato claro da realidade da humanidade.

5.2 A graça

O homem cristão trilha na vida terrena um caminho de constante conversão rumo à sua realização plena e à felicidade, isto porque o principal objetivo do homem foi e sempre será a busca da felicidade. Pascal ratifica essa busca quando diz que "A felicidade é o motivo (...) de todas as ações de todos os homens, até mesmo dos que vão enforcar-se" (PASCAL, 1973, p.141). Contudo, a moral Cristã, pretende que a humanidade, com todas as suas

potências, apesar das suas fraquezas e misérias, se abra à graça Divina e elabore sua trama de valores tendo como fundamento não o próprio homem, mas os princípios que nos direcionam rumo à felicidade.

“A felicidade não está em nós nem fora de nós; está em Deus, e fora e dentro de nós” (PASCAL, 1973, p.156) percebemos pois, que para alcançarmos a plena felicidade, necessitamos receber a graça divina, que, sempre está agindo em nós, para reconciliar- nos com os outros homens deste mundo.

Depois do pecado adâmico, a natureza do homem foi reduzida à concupiscência. A concupiscência é, de maneira geral, o que faz o homem se voltar às criaturas, às realidades terrenas, ao invés de se voltar ao Criador, às coisas do céu. Uma vez perdida a graça suficiente, é preciso notar que o homem perdeu, conseqüentemente, o livre-arbítrio que tinha Adão: este era maleável ao bem e ao mal, mas uma vez que contava com a graça suficiente, era de sua natureza a inclinação ao bem; o pecador, porém, tornou-se escravo da concupiscência, sua vontade passa a ser naturalmente inclinada ao mal na medida em que abdicou de se dirigir a Deus e centrou-se em si mesmo como o seu objeto último.

É preciso então reconhecer que toda a realidade do homem está marcada intrinsecamente pela concupiscência: “tudo o que há no mundo é concupiscência da carne, ou concupiscência dos olhos, ou orgulho da vida: *libido sentiendi, libido sciendi, libido dominandi*” (PASCAL, 1973, p.155). É, no amor-próprio que devemos procurar pois, a fonte das concupiscências (a curiosidade, o orgulho e a volúpia), pois é o eu, alimentado pelo amor-próprio, com sua vontade incansável de tornar-se o centro de todas as coisas, que conduz o homem a se desviar de Deus e se voltar sempre, para si mesmo.

Uma vez conhecedor de suas misérias, consciente de sua concupiscência, o homem pode abrir-se ao plano salvífico do Senhor, mas para tanto, é preciso aceitar a graça transformadora que resgata o homem de sua realidade miserável, e o faz vencer a concupiscência. A possibilidade desta salvação vitoriosa acontece pelo sacrifício de Cristo que, na condição de homem, fez a Deus um sacrifício proporcional (porque Cristo possui dupla natureza: homem e Deus) a ofensa do pecado de Adão: “Que concluam o que quiserem

contra o deísmo, nada concluirão contra a religião cristã, que consiste propriamente no mistério do redentor, o qual, unindo nele as duas naturezas, a divina e a humana, tirou os homens da corrupção do pecado para reconciliá-los com Deus em sua pessoa divina” (PASCAL, 1973, pág. 177).

A plenitude desta graça extermina o amor a si, uma vez que o infinito não possui comparação com o finito. Esta nova luz lhe traz um tremor e lhe dá temor que interpõe o repouso que encontra nas coisas que fazem seus prazeres. Graça e concupiscência, contudo, são forças que não se excluem, pois, a graça é sempre vitoriosa. De fato, não tomamos Jesus Cristo um ponto de equilíbrio estável. Tendo a graça como aquela força dilaceradora, Pascal designa Cristo como centro, entretanto, não como centro de estabilidade, mas centro dinâmico para o homem.

Compreendendo-se na dinâmica de que, se a concupiscência põe o homem em movimento que só termina na morte, pois sempre que ele realiza algum desejo, o tédio, provocador da inconstância, faz com que retorne incessantemente o desejo, também a graça o põe em movimento incessante que só termina na morte, pois atraída para Deus, a alma não encontra mais satisfação com aquilo que até então a seduzia. Porém, o movimento ao qual a graça conduz o homem é distinto do movimento da concupiscência quanto ao objeto buscado.

Na concupiscência, o homem deseja dominar os bens materiais e da mesma forma os outros. Possuindo os bens materiais e a estima dos outros é que o homem julga se constituir como centro. Na concupiscência, então, ele visa a si mesmo. Alcançado pela graça, o que o homem visa é outro: Jesus Cristo. Todavia, este outro, por trazer em si mesmo a natureza humana e divina, oferece à alma a possibilidade de se encontrar naquilo que incansavelmente ela deseja: a felicidade plena.

6 A MORAL PASCALIANA A PARTIR DE SUA ANTROPOLOGIA

Veremos neste capítulo o modo como Pascal pensa o que ele chama de membros pensantes e como ele desenvolve sua concepção de moral a partir deste conceito. Em seguida, veremos como o homem que caminha na angústia de sua condição de miséria, pode buscar a felicidade e onde ele pode encontrar essa felicidade, ainda que sua condição miserável não seja anulada.

A concepção da moral elaborada por Pascal parte de uma reflexão imaginativa de membros pensantes¹⁴, como ele próprio afirma: “Imaginemos um corpo todo de membros pensantes” (PASCAL, 1973, p. 158). Essa elaboração de Pascal possui uma origem nos princípios da fé cristã, mais especificamente nos textos paulinos: “Com efeito, o corpo é um, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo.”¹⁵

A moral de Pascal tem como finalidade única a felicidade do homem, ainda que esta felicidade caminhe Junto à angústia do homem diante de sua condição de miséria, lembrando-o sempre de sua finitude, para tanto, o autor dos *Pensamentos* fundamenta-se numa perspectiva de amor entre os “membros pensantes”: “ *Membros. Começar por aí.* Para regular o amor que devemos a nós mesmos, precisamos imaginar um corpo todo de membros pensantes, porque somos membros do todo, e ver como cada membro deveria amar-se etc.”. (PASCAL, 1973, p.158, itálicos do autor).

Pascal afirma que a fé cristã é aquela que por meio da Igreja, estimula e vive essa realidade paulino-pascaliana, pela vida em comunidade que se pressupõe para a prática da fé, uma vez que a fé cristã é essencialmente vivida em comum. Nessa vida em comunidade e no encontro com Jesus Cristo, os indivíduos tendem a diminuir o amor a si e crescer no amor fraterno, contudo, é preciso compreender que nesse corpo de membros pensantes, ao mesmo tempo em que se diminui o amor a si, não se deixa de amar a si, uma vez que

¹⁴ Segundo CARVALHO (2013, p.87), estes “membros pensantes”, são os fiéis unidos à Igreja. A Igreja por sua vez, é o corpo de membros pensantes.

¹⁵ Cf. 1 Cor 12,12.

amando os membros do próprio corpo também se ama a si próprio.

A moral destes membros pensantes resulta, pois, em uma moral que coloca limites ao amor-próprio, que o homem, naturalmente possui por si, rejeitando o pensamento egoísta e integrando o amor dos membros do mesmo corpo.

Pascal se inspira, como já dissemos, no apóstolo Paulo. Paulo afirma que o corpo é a Igreja, que possui por cabeça Jesus Cristo: "Ele é a Cabeça da Igreja que é seu corpo" (Colossenses 1,18). Seguindo o pensamento de São Paulo, Pascal acredita que fora da Igreja ou do corpo de membros pensantes, o ser humano fica cativo do amor por si mesmo, ou seja, em uma condição egoísta. Uma vez dentro da Igreja, a humanidade, estabelece uma comunhão com todo o corpo do qual torna-se partícipe

Um homem separado deste corpo que é a Igreja, não seria capaz de alcançar a felicidade. Para ser feliz, o homem deve estar integrado na felicidade partilhada por todos os "membros pensantes" (PASCAL, 1973, p.158) e na sua moral fundamentada em Jesus e nas Escrituras.

O princípio de felicidade está na integração entre os homens. É esta a felicidade que se transmite pela unidade dos membros no corpo, embora esses homens se reconheçam uns aos outros como frágeis e pecadores, unidos, sustentam-se e se ajudam mutuamente, uma vez que que "a felicidade é o motivo (...) de todas as ações de todos os homens, até mesmo dos que vão enforcar- se" (PASCAL, 1973, p.141).

Para o autor de *Pensamentos* é preciso adquirir a moral cristã por meio do hábito e do exemplo, na prática constante do bem, e com fundamento na Revelação acontecida na história e que se encontra nos Evangelhos. A Moral Cristã, que se baseia nos Evangelhos, oferece ao homem um caminho de discernimento, afim de que este possa buscar sua felicidade e dos demais:

O cristianismo é estranho; ordena ao homem que se reconheça como vil e até abominável, e lhe ordena que queira ser semelhante a Deus. Sem esse contrapeso, essa elevação o

faria horrivelmente vaidoso, ou esse rebaixamento o faria horrivelmente abjeto (PASCAL, 1973, p. 168).

Este fragmento possui caráter filosófico e teológico porque, por um lado reconhece o estado miserável do homem vil e abominável, por outro reconhece o desejo do homem de se assemelhar a Deus. Podemos crer que o homem abandonado a si mesmo anseia por algo, mas não é capaz de encontrar aquilo por que anseia, pois, sua condição o impede. O cristianismo exige que cada indivíduo reconheça sua condição de vileza e baixeza e através dessa condição possa alcançar o estado transcendente.

O fragmento também mostra que o indivíduo tem o desejo de se assemelhar a Deus, dado que “a felicidade não está em nós nem fora de nós; está em Deus” (PASCAL, 1973, p.156). A humanidade, marcada sensivelmente pelo pecado original e presa da contradição que contrapõe seu estado de miséria ao desejo pela graça, mesmo sendo indigna e imoral, ainda tem seu coração voltado para a busca da plena felicidade com Deus. Afinal, a maldade do homem é resultado da condição de miséria, enquanto a grandeza é o desejo do transcendente.

O ser humano é uma síntese de grandeza e miséria. só há uma maneira pela qual o ser humano chega ao transcendente – através das contradições que o indivíduo pode sentir em suas experiências vividas no estado de imanência¹⁶. Para Pascal, é Cristo quem ensina ao homem como discernir suas complexas contradições e como aceitar a Revelação que nos apresentam os Evangelhos.

Em Pascal percebemos que é inerente ao cristianismo que a humanidade deve sempre colocar em ordem suas contradições, mas não extirpá-las, uma vez que elas também são uma via de crescimento para o homem. “Não há doutrina mais adequada ao homem do que essa que o instrui sobre a sua dupla capacidade de receber e perder a graça, pelo duplo perigo a que está sempre exposto de desespero ou orgulho” (PASCAL, 1973, p.167)

Seguindo a reflexão pascaliana, vemos que a relação do homem com as contradições próprias de sua natureza humana, não o distanciam do

¹⁶ Experiências cujo fim encontra-se em si próprias.

Divino, pelo contrário, tendem a aproximá-lo de Deus, visto que são essas contradições que fazem o homem reconhecer sua própria grandeza e miséria, mas sobretudo, sua situação de criatura limitada.

O homem não pode se apegar apenas a um desses dois pólos – a grandeza ou a miséria. Uma vida baseada apenas na realização de um ideal de grandeza ou na resignação à condição de miséria seria uma situação arriscada, pois colocaria em risco o dom da graça e a felicidade, visto que tanto grandeza quanto miséria devem ser reconhecidas como realidades pertinentes e necessárias da condição humana.

Pascal deixa claro que a teoria moral racionalista pregada pelos filósofos desde a Antiguidade não foi suficiente para oferecer uma solução adequada ao problema moral de que padece a humanidade:

É em vão, ó homens, que procurais em vós mesmos o remédio para as vossas misérias. Todas as vossas luzes só podem chegar a conhecer que não é em vós mesmos que descobrireis a verdade e o bem. Os filósofos prometeram-no, mas não puderam fazê-lo. Não sabem qual é o vosso verdadeiro bem, ou qual o vosso verdadeiro estado. Como poderiam dar remédio aos vossos males, se nem ao menos os conheceram? (PASCAL, 1973, p.144)

Pascal confronta os argumentos dos filósofos através da crítica à glorificação da razão humana através do apelo àquilo que ele chama de “coração”. Na verdade, o autor francês admite a racionalidade, mas crê que é pela fé na figura de Jesus que se aceita Deus, afim de o ser humano ter acesso a sua autêntica felicidade.

Segundo Pascal, em questões morais, quanto à busca da felicidade, o indivíduo deve reconhecer os limites da razão demonstrativa e a existência da razão do coração. Assim, o autor não rompe com a razão humana. A racionalidade do coração é a leitura singular que ele faz da presença de Jesus na existência humana e do seu caráter de mediador, que incita e sensibiliza o coração humano:

Só conhecemos Deus por Jesus Cristo. Sem esse mediador fica suprimida toda a comunicação com Deus; por Jesus Cristo conhecemos Deus. Todos os que pretenderam conhecer Deus e prová-lo sem Jesus Cristo só possuíam provas inoperantes.

Mas, para provar Jesus Cristo, temos as profecias, que são provas sólidas e palpáveis. E essas profecias se realizaram e se revelaram verdadeiras pelos acontecimentos, assinalando a certeza dessas verdades e, portanto, trazendo a prova da divindade de Jesus Cristo. Nele e por ele, pois, conhecemos Deus. Fora daí e sem a Escritura, sem o pecado original, sem o mediador necessário, prometido e chegado, não se pode absolutamente provar Deus, nem ensinar a boa doutrina ou boa moral. Mas, por Jesus Cristo e em Jesus Cristo prova-se Deus e ensina-se a moral e a doutrina. Jesus Cristo é, portanto verdadeiro Deus dos homens. Mas ao mesmo tempo, conhecemos a nossa miséria, pois esse Deus nada mais é que o reparador de nossa miséria. Assim, não podemos conhecer bem a Deus senão conhecendo nossas iniquidades. Por isso, os que conheceram Deus, sem conhecer sua própria miséria não o glorificaram, mas se vangloriaram. *Quia non cognovit per sapientiam, placuit deo per stultitiam predicationis salvos facere*¹⁷. (PASCAL, 1973, p.170).

Pascal entendeu que a grandeza de Jesus não se estabeleceu em ações bélicas no nível da realidade empírica, como esperavam os hebreus: “da sujeição dos gentios pela força”, mas compreendeu que “a grandeza do homem é grande na medida em que ele se reconhece miserável. Uma árvore não sabe que é miserável. É, pois, ser miserável conhecer-se miserável; mas é ser grande conhecer que se é miserável” (PASCAL, 1973, p.136). É desse modo que o pensador vai implicar a absoluta Transcendência na terrena imanência: “Jesus Cristo é um Deus do qual nos aproximamos sem orgulho e diante do qual nos abaixamos sem desespero.” (PASCAL, 1973, p.167).

Esse fragmento é um confronto com racionalismo, o ceticismo e a moral estoica. Dentro da imanência, por meio da fé, a humanidade se aproxima de Jesus Cristo sem soberba e se curva e se rende a Ele sem transtorno. Quando Pascal apresenta Jesus como mediador, percebemos que Ele é um eixo capaz de suavizar as chagas humanas. Há um enorme risco na existência do indivíduo cujo pensamento e ações o colocam frente ao falso dilema entre o ceticismo e o racionalismo, que causa nesse homem a perda de sua centralidade. Apenas quando o indivíduo consegue abrandar a sua soberba e a sua preguiça, há a possibilidade de o sentimento de seu coração

¹⁷ “Por que o homem, não o tendo conhecido pela sabedoria, dignou-se Deus salvá-lo pela loucura da prédica” (1 Coríntios, 1,21)

encontrar um ponto de equilíbrio entre os opostos implacáveis e inconciliáveis da sua constituição ontológica.

É nessa realidade da presença do Deus feito carne entre nós que nos tornamos morais. Pois devemos escapar tanto da tentação da soberbia quanto da tentação do refúgio no desespero, o que só se torna possível caso aprendamos a equilibrar esses extremos por meio do espírito de fineza, que nos faz superar a contradição sem ter, ao mesmo tempo, como extingui-la.

Essa antropologia é única dentro do pensamento cristão, pois parte da absoluta e incontornável singularidade de cada indivíduo. Temos aqui o acontecimento cristão do Mistério da Encarnação, sem o qual a espécie humana não seria capaz de se realizar como tal.

É por essa razão que Jesus Cristo, trazendo em si – ou seja, em cada um de nós - o sinal autêntico do Divino, acaba tornando-se também um Mediador: “Todas essas contrariedades, que pareciam afastar-me do conhecimento da religião, foram o que mais depressa me conduziu à verdadeira religião”. (PASCAL, 1973, p.140). Para Pascal, apenas a religião cristã teria adentrado o cerne da natureza humana, e, portanto, somente ela poderia compreender esse homem, uma vez que experimentou sua natureza:

Depois de haver entendido toda a natureza do homem – É preciso, para que uma religião seja verdadeira, que tenha conhecido a nossa natureza. Deve ter conhecido a grandeza e a pequenez, e a razão de ambas. Quem a conheceu além da Cristã? (PASCAL, 1973, p.147).

A religião Cristã oferece, pois, nesse sentido, inspiração a Pascal. Nas entranhas de sua essência, ele reconhece as contradições e as razões dessas contradições. A contradição é evidente para Pascal. A religião cristã nos ajuda a compreendê-la e indica o caminho para uma vida plenamente feliz e santa através da “pedagogia do Evangelho”. Como crê Pascal: “Deus estabeleceu na Igreja sinais sensíveis para se fazer reconhecer” (PASCAL, 1973, p. 88), logo é a religião cristã que possui as respostas para aquilo que o homem tanto anseia por responder, pois apenas o cristianismo conheceu

profundamente ao homem e a Deus: “Toda a fé consiste em Jesus Cristo e em Adão; e toda a moral na concupiscência e na graça” (Pacal, 1973, p. 167), ou seja, é somente pela fé que a moral verdadeira se espraia, e isso ocorre através da compreensão da concupiscência e da graça.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Pascal a moral não se localiza na singularidade do homem, mas na vida comunitária. Na antropologia de Pascal, cada ser é um membro desse todo social que construímos, a partir de sua condição de miséria e graça.

Se o objetivo comum é a felicidade do homem como um todo, Pascal a vê como dependente do amor fraterno vivido em comunidade no corpo da Igreja. A Igreja, por meio da fé, concretiza os ideais da vida comunitária proposta pelo pensamento paulino.

Tem-se por objetivo diminuir o amor a si, o individualismo egoísta para progredir no amor ao Corpo-Igreja. Como resultado impõe-se limites ao amor-próprio, que o homem, individual e naturalmente, possui por si. Contudo, não se deixa de amar a si, mas, se ama enquanto membro de um corpo.

Na sociedade moderna, o homem sente-se extremante livre em todas as manifestações de sua vida política, social, religiosa, moral e econômica. Na liberdade, contesta todas as regras preexistentes e reivindica para si o direito de realizar-se como quiser, em harmonia ou em oposição à sociedade ou a qualquer ordem constituída. A possibilidade de fazer tudo por si, a governar-se sozinho e resolver problemas sem recorrer a um ser superior, confere-lhe a ideia de que ele é senhor de sua própria providência. Nesse sentido que confirma-se o afastamento que o homem tem de compreender-se no todo social.

Fora do corpo eclesial ou do corpo de membros pensantes, o ser humano fica cativo do amor por si mesmo, ou seja, em seu individualismo, ele não percebe sua parte na configuração de miséria e graça. Para Pascal, é através da Igreja que a humanidade, estabelece uma comunhão com todo, tornando-se partícipe.

A moral concebida por Pascal, a partir desta união, é capaz de promover a felicidade plena. Para ser feliz, o homem deve ser parte da felicidade vivida por todos os “membros pensantes” (PASCAL, 1973, p.158). O princípio de felicidade está na integração dos homens.

Para Pascal, a moral cristã deve ser adotada, cultivada e vivida, fundamentada na Revelação acontecida na história presente nos Evangelhos. A Moral Cristã oferece ao homem um caminho de discernimento, afim de que este possa buscar sua felicidade e dos demais.

O homem moderno tornou-se pragmático. É conduzido para a ação: o que lhe absorve é o fazer, produzir e trabalhar. Não encontra tempo para pensar, meditar e para colher a essência permanente da realidade. Tudo o que faz deve ter um fim nítido de utilidade, para seu bem pessoal, que muitas vezes ignora sua vida social.

A filosofia de Pascal procura uma maneira de instruir sobre o agir humano, diante da síntese grandeza e miséria. A contradição e o conflito humano acerca da sua condição não são elementos que se restringem ao homem da época de Pascal. O homem moderno ainda vive a mesma crise do homem pascaliano, traduzida em sua dificuldade de lidar com a liberdade alcançada, pois nenhuma liberdade é isolada. O homem é sujeito da condição de miséria que lhe é inerente e ainda, da mesma forma dependente da graça.

É do ensino cristão que, a humanidade deve sempre ordenar suas contradições, mas, não extirpá-las, uma vez que elas também são uma via de crescimento para o homem, ainda que o homem moderno procure a Deus de maneiras diferentes daquela concebida por Pascal, que pertence à via teológica, no que condiz a Moral Cristã. “Não há doutrina mais adequada ao homem do que essa que o instrui sobre a sua dupla capacidade de receber e perder a graça, pelo duplo perigo a que está sempre exposto de desespero ou orgulho” (PASCAL, 1973, p.167).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

AGOSTINHO, Santo. *A Natureza do Bem*. - Rio de Janeiro: Sétimo selo, 2006.

AQUINO, Santo Tomás de. *Suma Teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

CALVINO, João. *A Verdadeira Vida Cristã*. Tradução: Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2003.

CARVALHO, Geraldo Guilherme Ribeiro de. *O paradoxo humano. Antropologia e moral filosófica em Blaise Pascal*. Dissertação (Dissertação em Filosofia). FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Belo Horizonte. 2013

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2006.

GARCIA, Carlos Frederico Lauer. *O Sentido Da Fé Em Pascal*. Dissertação (Dissertação em Filosofia). PUC. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2910>. Acesso em 25/09/18.

GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.

GOUHIER, Henri. *Blaise Pascal: conversão e apologética*. Tradução de Éricka Marie Itokazu e Homero Santiago. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2005.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.

OLIVA, Luís César Guimarães. *A noção de graça em Blaise Pascal*. **Cadernos Espinosanos**, [S.l.], n. 26, p. 25-45, jun 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/epinosanos/article/view/89456>. Acesso em: 01 jun 2018.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Coleção “Os Pensadores”. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

PONDÉ, Luiz Felipe. *O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

ROPS, Daniel. *A Igreja da Renascença e da Reforma (I)*. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1996.

ROCHA, Arlindo Nascimento. *Paradoxos da Condição Humana, Grandeza e Miséria Humana como Paradoxo Fundamental na filosofia de Blaise Pascal*. Dissertação (Dissertação em Filosofia). PUC. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19558>. Acesso em 07/08/18.

SANTIDRIÁN, Pedro R. *Breve Dicionário De Pensadores Cristãos*. Tradução de Laura Nair Silveira Duarte. Aparecida: Editora Santuário, 1997.

SILVA, Franklin Leopoldo e. *Pascal: Condição Trágica e Liberdade*. Cad. Hist. Ci., Campinas, Série 3, v. 12, n. 1-2. p. 339-356, jan-dez. 2002.